



## ABRIGO ESPÍRITA FRANCISCO DE ASSIS, PORTO ALEGRE-RS: 84 ANOS DE HISTÓRIA ENTRE FOTOS, NARRATIVAS E OBJETOS

Rodrigo M. Leistner<sup>1</sup>  
Sílvia G. Mateus<sup>2</sup>

### RESUMO

Este artigo versa sobre o Abrigo Espírita Francisco de Assis através do prisma da História Pública. Este templo umbandista foi o primeiro de Porto Alegre e o segundo do Rio Grande do Sul, tendo sido fundado em 1936 por Laudelino de Souza Gomes, ainda hoje ativo e praticando a umbanda de Semiromba (fortemente ligada aos ideais franciscanos tanto no aspecto externo quanto no culto). Procura-se fazer uma breve explanação acerca da história do Abrigo (fundador e suas sucessoras, receptividade e ações junto à comunidade), bem como sobre o acervo material (em sua grande maioria ainda utilizado nas atividades religiosas). A possibilidade de tombamento do local é aqui aventada a partir de uma mediação entre o Abrigo e a academia através da História pública pelo partilhamento de experiências.

**Palavras-chave:** Abrigo Espírita São Francisco de Assis; História Pública; Patrimônio.

### INTRODUÇÃO

As religiões de matriz africana no Brasil têm como uma de suas principais características a diversificação, a não homogeneização tanto dos terreiros, quanto das formas de culto. São diferentes candomblés cultuados no país, fruto de anos de ressignificações de suas próprias cosmologias e ritos, bem como das dinâmicas da sociedade envolvente em diferentes espaços geográficos, históricos e culturais. O mesmo ocorre com relação a umbanda, havendo um amplo espectro em que os locais de culto se aproximam ou se afastam mais do espiritismo ou das religiões mais africanizadas. Feitas estas primeiras considerações, este artigo aborda sobre um templo umbandista pouco conhecido na atualidade por parte da sociedade, mas muito referenciado por pesquisadores

---

<sup>1</sup> Doutor em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UNISINOS, Professor Adjunto do Instituto de Ciências Humanas em Informação (ICHI), Universidade Federal de Rio Grande (FURG). E-mail: [rodrigoless@yahoo.com.br](mailto:rodrigoless@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Mestre em História pela UFPEL. E-mail: [silvia\\_gon@yahoo.com](mailto:silvia_gon@yahoo.com)



da umbanda no Rio Grande do Sul, o Abrigo Espírita Francisco de Assis, primeiro terreiro de umbanda de Porto Alegre e segundo do estado.

O local é referência para os pesquisadores do tema não só pelo período de sua abertura (década de 1930), mas também por ainda estar em funcionamento e ter um grande acervo material muito bem preservado. Por outro lado, há um interesse por parte das responsáveis pelo abrigo que este material não fique restrito aos praticantes, ou seja, que a comunidade possa se fazer presente e usufruir da história que ali está sendo vivida e contada. Entre as possibilidades de pesquisa que o abrigo aventa, este artigo propõe olhar para este local através das lentes da História Pública, pois se o acervo material poderia fazer parte de uma exposição como de um museu, o fato de que ainda faz parte da rotina ritual dos médiuns o torna dinâmico. Assim, a proposta é apresentar um pouco da história do abrigo, bem como pautar brevemente o conjunto de bens (materiais e imateriais) que constituem seu acervo, iniciando um debate acerca das possibilidades de pesquisas existentes no local, bem como o retorno que uma experiência partilhada entre a academia e o Abrigo pode trazer para este quanto a um processo de tombamento.

O interesse em conhecer o local se deu através das leituras de trabalhos do historiador Artur Cesar Isaia, que esteve ali realizando pesquisas, entrevistas e, juntamente com um grupo de alunos, ampliou e emoldurou algumas fotografias antigas que hoje estão distribuídas no salão principal do Abrigo. Ele entrevistou a segunda sucessora do fundador do templo, o que não me foi possível tendo em vista seu falecimento em 2017. Ao visitar o local a recepção se deu por parte da líder religiosa e de sua filha (atual responsável administrativa), e se a ideia era entrevistá-las e acessar o acervo fotográfico ali existente (o qual foi prontamente disponibilizado para que pudesse reproduzir as imagens para a pesquisa), não foi possível não observar os vários objetos antigos ainda utilizados nas sessões, todos muito bem conservados.

O principal motivo da visita, as fotografias, tinham uma origem diferente do esperado (alguns terreiros antigos de umbanda que visitei tinham muitas imagens feitas pelos próprios religiosos ou simpatizantes que tivessem a fotografia como ofício), eram mais de 150 feitas entre as décadas de 1950 e 1960 por fotógrafos do jornal *Correio do Povo*<sup>3</sup>. Enfim, excetuando-se o edifício, o Abrigo como um todo se materializava como um museu, repleto de memórias impregnadas na quase totalidade dos objetos, mas, cujo sentido só era possível alcançar através das narrativas daquelas que os guardam e zelam. São mais de 80 anos de histórias pouco conhecidas, mas devidamente preservadas aguardando serem colocadas em contato com um público que as perceba, questione, conte e reconte.

---

<sup>3</sup> Jornal fundado em 1895 pelo jornalista Caldas Júnior, com circulação no Rio Grande do Sul, ainda em funcionamento.

## ABRIGO ESPÍRITA FRANCISCO DE ASSIS ATRAVÉS DE IMAGENS E NARRATIVAS

Muitas das pessoas que passam pela Avenida Ipiranga, em Porto Alegre, não têm ideia de que ali, no número 445, há o mais antigo terreiro de umbanda da cidade, o segundo do Rio Grande do Sul, o Abrigo Espírita Francisco de Assis, cuja fachada em nada lembra as dos tradicionais terreiros de umbanda existentes na cidade, nas quais há placas indicando que se tratam de locais de culto umbandista.



**Imagem 1-** Abrigo Espírita Francisco de Assis na sua atual sede, localizada na Avenida Ipiranga, 445, em Porto Alegre, construída quase que exclusivamente com os recursos da Irmã Gilda Centeno.  
Fonte: Google Maps.

Fundado pelo tenente aposentado da marinha mercante Laudelino de Souza Gomes<sup>4</sup> (1889-1950) em 4 de outubro de 1936, no Abrigo a umbanda praticada até os dias atuais é a Semiromba<sup>5</sup>, uma doutrina e um ritual, conforme explica Isaia (2018, p. 30), que tem forte ligação com os ideais franciscanos “não apenas no aspecto externo, como no uso do burel característico dos Franciscanos (imagens 2 e 3) e de roupas muito próximas aos paramentos católicos, quanto nos conteúdos reiterados nos cultos”.

<sup>4</sup> Conforme Isaia (2018, p. 19), Laudelino nasceu “em Porto Alegre, um ano depois da libertação dos escravos e falecido na mesma cidade em 1950, ‘Padrinho Laudelino’, como era conhecido, tratava-se de um negro que fugia das expectativas nutridas pelos preconceitos de uma sociedade ainda marcadamente assimétrica nas relações de mando. Educado, culto, poliglota, conhecendo, segundo relatos de seus coevos, inclusive o iorubano, Laudelino era também um musicista, que cultivava a música erudita nas celebrações religiosas, tocando, entre outros instrumentos, o violino”.

<sup>5</sup> Para mais informações sobre a umbanda Semiromba consultar os trabalhos de Artur Cesar Isaia constantes nas referências deste artigo.



**Imagens 2 e 3** - Vestimentas utilizada durante os trabalhos do Abrigo. Na primeira foto, ao centro, aparece Laudelino incorporado. Na segunda imagem é possível ver a substituta de Laudelino, Irmã Núbia à direita, e à esquerda sua futura sucessora, Irmã Gilda.

Fonte: Acervo do Abrigo Espírita Francisco de Assis.

Desde sua fundação, na década de 1930, o abrigo esteve sediado em diferentes endereços em Porto Alegre. Primeiramente na Rua General Lima e Silva, passando depois para Rua Lobo da Costa, depois na Rua José do Patrocínio. Apesar do lançamento da pedra fundamental do prédio na Avenida Ipiranga ter ocorrido em 29 de janeiro de 1957 (imagem 4), foi somente no final dos anos 1990 que passou para o endereço definitivo. Hoje segue em funcionamento, sendo que a médium mais antiga ficou responsável pela direção espiritual e sua filha pelas atividades administrativas.



**Imagem 4** – A solenidade do lançamento da pedra fundamental do Abrigo, em 1957, contou com a presença do jornalista Moab Caldas, que na imagem aparece assinando um documento. Ainda novíça, Irmã Gilda aparece à esquerda do jornalista e umbandista.

Fonte: Acervo do Abrigo Espírita Francisco de Assis.

No processo de surgimento e consolidação da umbanda no Rio Grande do Sul, o Abrigo foi seu primeiro representante na capital, num período em que o Batuque era o ritual de matriz africana preponderante, junto a uma sociedade que, além de não valorizar o



“universo sociocultural afro-brasileiro” (ISAIA, 2018, p. 17), ainda se adaptava à liberdade de culto e crença assegurada pelo artigo 122 da recente Constituição promulgada em 1934. Essa convivência do Abrigo com a sociedade envolvente não seria sem atritos nos primeiros anos, tanto que, conforme relata Erotildes Correa (atual diretora do Abrigo), Laudelino teve problemas:

SM – Ainda sobre o período antigo, nós tivemos um período do Getúlio Vargas, para os terreiros de batuque foi um momento bem complicado, há relatos de perseguições. Com relação àquela época...

EC – Laudelino foi preso nesse período. Apreenderam todas as imagens.

SM – Qual era a acusação?

EC – Na época é porque eles não queriam o culto.

SM – Eles levaram tudo? Ele ficou quanto tempo preso?

EC – Acho que ele ficou uns dois dias preso. Ele não ficou muito tempo preso porque ele era tenente da marinha. E a partir daí que ele passou a colocar as procissões na rua, tanto que a primeira procissão na rua, atiravam tomate, fruta da época, ovo.

SM – Mas quem eram essas pessoas que atiravam tomate?

EC – Pessoas comuns, que não aceitavam a divulgação... É porque foram as primeiras vezes, as pessoas não aceitam bem o que é novo. Foram algumas vezes, depois o povo se acostumou com aquilo e aí ficou mais fácil. As pessoas deixaram de atirar, deixaram de criticar para participar. E vamos combinar, em 1936 a mente das pessoas, do tamanho que era, pra época, pra uma primeira casa, pra divulgar o que que é uma primeira casa de linha branca, na rua. E outras pessoas entendem assim, ‘ah, umbanda de linha branca não tem toque, é só na palma’, em algumas casas é só na palma da mão. Eles não utilizam os instrumentos porque não faz parte do ritual deles, e o nosso ritual ele compõe tudo, ele compõe tambor, ele compõe agê, e tocamos linha branca.<sup>6</sup>

Passados os primeiros anos de adaptação da comunidade do entorno, o Abrigo seguiu expandido suas principais ações, que, segundo as lideranças entrevistadas, tinham como mote a caridade e o auxílio aos congregados que precisassem de apoio material (abrigo, comida, roupas ou remédios), Laudelino direcionou os trabalhos do Abrigo para o auxílio aos menos favorecidos (imagens 5 e 6), muitas vezes arcando com os custos com alimentos, remédios e roupas do próprio dinheiro.

EC – Quando o irmão Laudelino fundou o abrigo, no dia 4 de outubro era servido uma refeição para as pessoas de idade, pra idosos, e nesse dia também era distribuído um valor pra cada pessoa, de determinada idade, precária, gêneros alimentícios, tipo de necessidade básica e roupas, aí arrecadava-se roupas e eram doados roupas e calçados. O abrigo tinha essa função social. E parou de ter depois que a gente veio pra cá em função da construção. A gente pretende retomar isso em algum momento, mas é que a gente precisa de mais pessoas. A gente quer realizar, tem muita vontade de realizar alguma ação social.

<sup>6</sup> EC – representa a entrevistada Erotildes Correa; DD – representa a entrevistada Deci Gonçalves Correa; SM – representa a pesquisadora e autora deste artigo.



**Imagens 5 e 6** – Ação de distribuição de refeições aos menos favorecidos, principalmente os idosos.  
Fonte: Acervo do Abrigo Espírita Francisco de Assis).

Segundo Leistner (2014, p. 160-161) nos “anos 1950 [o Abrigo] contava com círculos mediúnicos compostos por mais de 120 médiuns, além da presença numerosa de consulentes”.

SM – Quem eram as pessoas que vinham aqui? Eram pessoas da classe média, ricos, pobres, pessoas com estudo, sem estudo?

DD – Aqui veio rico, veio pobre, veio pobrezinho mesmo, tem de tudo.

EC – Desde a formação do abrigo, como ele era militar, tinha muitos irmãos que eram militares na corrente franciscana. No tempo da Irmã Núbia a casa tinha muitos políticos, tinha advogado, doutores, tinha muito a função de conhecer as pessoas necessárias. Foi nessa época que o abrigo conseguiu a doação do terreno, em 1952. Conhecer as pessoas corretas, que tem a função de chegar numa outra pessoa e diz ‘olha, a casa funciona dessa maneira, será que tu pode ajudar’ a chegar nas pessoas que tem poder, aí é mais fácil.

SM – E depois, alterou o perfil? Quem foram as pessoas que...

EC – Essas pessoas foram morrendo, depois a casa começou a ser frequentada por pessoas de classe média. Mais classe média baixa, e agora tá voltando, agora tá bem misto na assistência, desde advogados até manicure, pedicure. Na realidade as pessoas vão conhecendo a casa, vão sabendo, porque um tempo atrás nós ficávamos ali embaixo, escondidos numa casinha de madeira, até construir, até eles prepararem o prédio e a forma que está, e a confiabilidade também...



**Imagem 7** – O Abrigo recebia pessoas de diferentes classes sociais.  
Fonte: Acervo do Abrigo Espírita Francisco de Assis.

Laudelino era um homem culto que se dedicava à leitura e se interessava pelo que era referente ao negro, aos seus antepassados, principalmente à abolição, e tal predileção se materializou tanto em sua dedicação e carinho aos pretos velhos – conforme aponta Erotildes -; quanto em apresentações de peças em teatros referenciando o 13 de maio (imagens 8 a 11).



**Imagens 8 a 11** – Encenação feita pelos médiuns do Abrigo em um teatro referente ao 13 de maio.  
Fonte: Acervo do Abrigo Espírita Francisco de Assis.



Contudo, a partir da década de 1960 há um arrefecimento da umbanda em Porto Alegre, e o Abrigo não ficou intocado, pelo contrário: “Se não bastasse o decréscimo de congregados, na segunda metade do século XX a Congregação enfrentou dificuldades financeiras. A redução de congregados trouxe uma diminuição das receitas” (ISAIA, 2018, p. 25). Também contribuiu para a diminuição do quadro de médiuns o fato das obrigações religiosas que se tentava manter, conforme o que havia sido prescrito por Laudelino, tornaram-se obstáculos:

De fato, observando o dia a dia da Congregação podemos ver que os congregados, ainda hoje, obedecem a uma disciplina bastante rígida e cumprem obrigações que muitas vezes podem chocar-se com o cotidiano de trabalho, com o atendimento às obrigações familiares e com a própria dinâmica e valores próprios da sociedade contemporânea (...) dificuldades que, tanto Dona Núbia como as demais sucessoras de Laudelino enfrentariam no sentido de manterem o ideal ascético de clausura, valorizado pela Congregação, frente a uma cidade e a uma sociedade em acelerada transformação. Essas dificuldades seriam agudizadas na segunda metade do século XX, quando, a partir dos anos 1960, intensificaram-se o ataque a valores seculares, com a revolução sexual e a contestação do exercício das autoridades tradicionais (ISAIA, 2018, p. 26-27)

Já Leistner (2014, p. 160) aponta para a migração dos religiosos para outras vertentes afrogaúchas, tal como a Linha Cruzada:

(...) No caso da vertente umbandista, esta retração já era visível desde o período inicial de formação dos terreiros cruzados, no processo consolidado em meados da década de 1960 (...) atualmente realizam sessões de caridade com a participação de uma média semanal de cinco médiuns de corrente e meia dúzia de assistentes.

Assim, se a Irmã Núbia Guedes (Bento Gonçalves, 1918-1997) presenciou o paulatino esvaziamento da umbanda, Irmã Gilda Centeno (1925-2016) ao assumir o Abrigo se deparou com os mesmos obstáculos que sua antecessora. Para Isaia (2018, p. 30), Irmã Gilda pretendia manter, a qualquer custo, a doutrina pensada por Laudelino, de modo a não negociar “com as transformações socioculturais em curso”, o que comprometeria a própria existência do Abrigo. Mesmo se preocupando em conservar “tudo” (desde os ensinamentos até objetos e móveis) Irmã Gilda viu “o número de congregados e assistentes claramente diminuiu neste lapso de tempo”.

Com o falecimento de Dona Gilda, a direção dos trabalhos espirituais passou a ser da Irmã Dercy Gonçalves (Soledade, 1940-), sendo que sua filha, Erotildes (Porto Alegre, 1977-), foi eleita a nova responsável pelo Abrigo, que, segundo Isaia (2018, p. 40-41):

(...) com um perfil totalmente diferente e uma percepção da religião bem mais em sintonia com o presente, acena nesta direção (...). Por outro lado, Dona Erotildes é casada, mãe, possui curso superior e exerce uma



profissão, o que contradiz sobremaneira o perfil ascético-contemplativo das suas antecessoras.

Na entrevista<sup>7</sup> realizada em 2019, Erotildes deixou claro que dentre os preceitos de Laudelino, um dos que lhe é mais caro é a continuação do abrigo que, em sua interpretação, também está relacionado a “casa” enquanto um museu, enquanto um lugar de memória. O fato de o Abrigo ser o primeiro terreiro de umbanda de Porto Alegre e, ainda em atividade, por si só já tem uma historicidade. Todavia, quando Erotildes fala em museu e, mostra o local repleto de “lembranças observáveis e paupáveis”, é preciso avançar na análise das possibilidades de pesquisa que o local oferece.

## FOTOS E OBJETOS

Segundo Brown (1977, p. 33), entre os fundadores e primeiros líderes da umbanda, na década de 1930, bem como entre os seus partícipes havia “membros das profissões liberais, jornalistas, pequenos comerciantes e oficiais do exército”, ou seja, representantes da classe média da época, a qual passou a utilizar “programas de rádio, jornais de umbanda e colunas semanais sobre a umbanda na imprensa popular”, após o fim da ditadura varguista em 1945, para divulgação dessa religiosidade junto à sociedade. Excetuando-se a primeira imagem deste artigo, as demais fotografias apresentadas são do mesmo período, feitas pelo jornal *Correio do Povo* com o objetivo de compor matéria referente ao Abrigo, as quais, posteriormente, voltaram ao terreiro por meio de doação.

Apesar de não ter ocorrido contato com o material da imprensa do período, a partir das imagens pode-se perceber que, possivelmente, havia o interesse do periódico em retratar as atividades do Abrigo de uma maneira positiva, o que poderia estar relacionado à influência de algum jornalista ligado à umbanda, tal como Moab Caldas<sup>8</sup> (imagem 4). Seja como for, a maior parte do *corpus* fotográfico é dessa origem, sendo que algumas das

---

<sup>7</sup> Entrevista realizada no Abrigo em 23/01/2019 e integra uma base de narrativas a respeito das religiões de matriz afrogaúcha e fotografias.

<sup>8</sup> Conforme Mateus (2008), Moab Caldas (1922-1996) era alagoano de nascimento, mas chegou à Porto Alegre em 1939. Foi escrivão de justiça nos anos de 1940 (profissão na qual se aposentou), assumidamente umbandista (era líder de terreiro) foi eleito como deputado estadual (primeiro e único caso no Rio Grande do Sul) para os pleitos de 1959-1962 (PSD) e 1963-1966 (PTB), sendo que teve seus direitos políticos cassados pelo AI-5. Teve colunas nos jornais *Correio do Povo*, *Última Hora* e *Zero Hora* tratando sobre a umbanda. Também apresentava, em Porto Alegre, na rádio AM Princesa o programa “A Voz da Umbanda”, e era líder do grupo “Corrente de Aço” que congregava líderes umbandistas que pensavam, e colocavam em prática, estratégias de resistência dessa religiosidade junto à sociedade envolvente.



imagens foram ampliadas e colocadas em quadros<sup>9</sup>, hoje dispostos nas paredes mais próximas onde ficam os visitantes e os que buscam atendimento.

Diferentemente do que ocorre no Batuque (vertente mais africanizada das religiões afrogaúchas), no qual há uma série de interdições quanto à produção de fotografias de ritos, cultos etc., a umbanda “se permite” fotografar com mais facilidade. Em todas as entrevistas realizadas em terreiros que praticam algum tipo de umbanda, todos os narradores apontaram que não há restrição no que diz respeito à fotografia. Disso resulta não somente uma produção fotográfica que capta as entidades “incorporadas” nos corpos dos médiuns (o que é imprescindível para os orixás do Batuque), mas também uma qualidade das imagens feitas entre os anos de 1940 e 1950, pois não é raro encontrar fotos bem definidas e nítidas, apontando que os fotógrafos não deveriam ser amadores, o que indica a participação de pessoas com contatos com profissionais (que não tinham custos facilmente acessíveis) ou, até mesmo, que possuíam equipamentos (que também eram caros) e técnica.

Assim, o acervo fotográfico do Abrigo auxiliou os religiosos do local a manter a memória das procissões, dos eventos e festividades em que a comunidade era convidada a participar, trazendo nostalgia à narrativa de Dona Deci e orgulho na de Erotildes e seu filho. As “guardiãs” do Abrigo São Francisco ao seguirem conservando as fotografias e outros vários objetos “do tempo de Laudelino” e, os disponibilizando para que os pesquisadores possam conhecê-los, acabam por convidar a comunidade a rememorar e construir novas narrativas com novos e antigos congregados, com novos e antigos amigos, reconstruindo uma comunidade de afeto capaz de transmitir a tradição dessa umbanda.

A família religiosa<sup>10</sup> do Abrigo se dissipou ao longo das décadas – os mais antigos faleceram, os mais jovens não se interessavam -, restringindo a transmissão da memória a poucos indivíduos. Erotildes parece perceber a necessidade de que esses “objetos preciosos” (MAUAD, 2008, p. 58), que têm sido preservados no terreiro, não fiquem restritos a um pequeno grupo, assumindo para si o “dever de memória”, pois ao seguir o desejo de Laudelino quanto ao destino do Abrigo, dá continuidade ao que foi iniciado na década de 1930, pagando assim a “dívida” e submetendo a “herança a um inventário”, indo além de si mesma e fazendo “justiça” à memória do “Padrinho Laudelino”, pois “Somos devedores de parte do que somos aos que nos precederam” (RICOEUR, 2007, p. 101).

E se inicialmente a ideia era “historiar” o Abrigo e um pouco das religiões afrogaúchas a partir de seu acervo fotográfico, a fim de construir a representação de um

---

<sup>9</sup> Esta ação foi feita em parceria com o Curso de História da Faculdade La Salle de Canoas através da mediação do professor Artur Cesar Isaia.

<sup>10</sup> Família religiosa aqui é compreendida através de Lévi-Strauss (1983, p. 75-76), “Os membros da família estão unidos entre si por: a) Laços jurídicos; b) Direitos e obrigações de natureza econômica, religiosa, ou outra; c) Uma rede precisa de direitos e proibições sexuais e um conjunto variável e diversificado de sentimentos, como o amor, o afeto, o respeito, o medo, etc.”



tempo passado, ouvir as narrativas conjugadas não somente com as fotografias, mas também com toda uma gama de objetos da década de 1930 conservados (e em uso), resultou em conversas e questionamentos não previstos no roteiro preestabelecido. As “guardiãs” e o Abrigo contavam outras histórias.

## **O BANCO DA PRIMEIRA FILA – HISTÓRIA QUE SE PODE VER, OUVIR E TOCAR**

O prédio que hoje é sede do Abrigo foi inaugurado nos anos de 1990, mas boa parte dos objetos ali encontrados, são de um período anterior, sendo que estão em ótimo estado de conservação. O visitante ao ultrapassar pela primeira vez a porta de entrada é surpreendido pelo tamanho do local por dentro. São dois andares, sendo o primeiro destinado às sessões e atendimentos. Repleto de quadros com fotografias nas paredes, o local ainda guarda a imagem de gesso de São Francisco trazida por Laudelino do Maranhão na década de 1930, bem como uma pintura do religioso com trajes de seu caboclo, pinturas de abolicionistas, bustos, estandartes, instrumentos musicais, vitrola, LPs, entre outros.

O andar que fica abaixo é o local destinado tanto para os momentos que antecedem as sessões, onde os médiuns se concentram, quanto à guarda das fotografias, utensílios utilizados quando eram servidos alimentos aos necessitados (talheres e louça comprados por Laudelino), muitos documentos e livros que o “Padrinho” estudava. A observação das fotografias trouxe uma reflexão diferente da dos outros terreiros visitados até aquele dia, pois não é incomum que nos congás haja imagens de gesso do tempo da abertura das casas, podendo-se notar a passagem do tempo no desgaste das peças, mas no Abrigo, além das imagens estarem muito bem conservadas, é possível ver determinados objetos de duas formas diferentes, ou seja, as pinturas dos abolicionistas e os estandartes que eram carregados durante as procissões nas décadas de 1930, o banco onde a assistência aguardava sentada o momento dos passes ou os pratos nos quais eram servidas refeições aos idosos, tudo o que aparece em preto e branco nas fotos, pode ser observados em detalhes em suas formas e cores originais.



**Imagens 12 a 15** – Alguns dos muitos objetos preservados desde o tempo de Laudelino.  
(Fotografias do acervo pessoal da autora).

Se a entrevista tinha por objetivo tratar sobre, e acessar, o acervo fotográfico do Abrigo, conforme o local era apresentado em seus detalhes, a reflexão de Portelli (2016, p. 10) sobre a arte da escuta ficava clara:

Mesmo quando o diálogo permanece dentro da agenda original, os historiadores nem sempre estão cientes de que certas perguntas precisam ser feitas. É comum, aliás, que a informação mais importante se encontre para além daquilo que tanto o historiador quanto o narrador consideram historicamente relevante.

A nostalgia presente nas falas de Irmã Deci em conjunto com a tentativa de Erotildes de manter o desejo de Laudelino “vivo”, estão presentes naquele espaço religioso e de memórias. Ambas fazem uma leitura daquele passado não de uma forma que remeta ao “o que veio antes era melhor”; pelo contrário, o que precedeu o presente aparece nas falas das narradoras de modo a fortalecer o que está sendo construído para o que virá, ou seja, não se trata de uma visão “passadista” estática e com saudades do que não volta



mais, se trata sim de um alicerce do que se pretende elaborar para o que ficará para as futuras gerações. Erotildes assumiu a pouco tempo a direção do Abrigo, atividade que ocorre paralelamente a sua vida secular (trabalho, estudos, família), o que demanda se apropriar dos arquivos de forma lenta, ou seja, nem mesmo os membros sabem no que consiste o acervo documental. Aos seus olhos, tudo é importante, tudo é herança de Laudelino (muitos dos objetos foram por ele comprados ou para ele presenteados) que deveria ser preservada e, principalmente, disponibilizada para a comunidade, ela sabe que para isso precisa mais que boa vontade, precisa entender o material que tem em mãos.

Enquanto as narradoras rememoravam o que passou e falavam do que é praticado na atualidade, ocorria uma espécie de visita guiada, onde objetos com mais de 80 anos se apresentavam diante dos olhos. No andar de baixo há uma mesa grande onde os médiuns se reúnem antes da sessão, mas ali também estão os livros de Laudelino, bem como a louça por ele comprada, as fotografias e outros documentos antigos, tudo acondicionado em armários, o que permitiria que o local venha a servir também a reuniões e discussões de diferentes grupos ligados à comunidade, à academia e a diferentes vertentes das religiões afrogaúchas, ou seja, um espaço de debates e discussões.<sup>11</sup>

Tendo em vista a variedade de material (bustos e imagens de gesso, fotografias, instrumentos musicais, LPs, quadros, louça, livros, etc.) ainda não catalogado - mas de fácil acesso e manipulação -, corroboram a pertinência em observar o Abrigo através do prisma da História Pública, pois compartilhando do entendimento de Soares (2017, p. 7):

Compreendemos, pois o campo da história pública como um espaço de natureza interdisciplinar que intersecciona, a história para o público com a história e o público, potencializadas por diferentes linguagens como a cinematográfica, iconográfica, literária, museológica e/ou midiática.

A mediação feita por um historiador entre a academia, a comunidade e o Abrigo permitirá não somente a ampliação da audiência do centro de umbanda através da publicização (física e *online*) da memória histórica do lugar e do acervo ali constante, mas também “Eles querem, conscientemente, que tudo isso seja divulgado, dado a conhecer como patrimônio cultural que se manifesta na memória e na tradição” (ROVAI, 2014, p. 223). A patrimonialização é um caminho cogitado pela responsável pelo Abrigo, cujo terreno e edifício já estão legalmente sob posse dos congregados, contudo, é necessário pensar mais para frente, pois na atualidade há um quadro que ao agravar-se no decorrer do tempo, pode colocar em perigo a preservação do local e seu acervo, a especulação imobiliária (o Abrigo se localiza praticamente em uma região central e de fácil acesso da capital gaúcha), o

---

<sup>11</sup> Ali podem ser feitas reuniões mediadas por historiadores públicos, articulando o conhecimento da comunidade para a criação de eventos, publicações e a organização do acervo para consulta e apreciação do público em geral.



avanço neopentecostal (cuja intolerância com as religiões de matriz africana é mais severa) em vários setores representativos da sociedade, bem como a própria violência crescente na capital e na região metropolitana de Porto Alegre (que pode atingir o local ou as pessoas que entram ou saem do prédio), podem acabar por modificar a tranquilidade que hoje é sentida pelas responsáveis pelo Abrigo. Todavia, conforme aponta (SANTOS, 2014, s/p):

Tais fatores demonstram que pensar em ações que garantam a preservação é fundamental para continuidade do legado, porém, as ações necessitam ser pensadas de dentro para fora, respeitando as liturgias, a hermenêutica e a cosmologia das religiões de matrizes africanas.

Para que um terreiro e locais afins sejam tombados há um longo processo, tanto que desde o tombamento do primeiro terreiro pelo IPHAN (Ilê Axé Iyá Nassô Oká - Terreiro da Casa Branca - BA, resultado de um processo aberto em 1982 e efetivado em 1986), somente outros 11 locais foram reconhecidos (dos quais, 8 se encontram na Bahia, 1 no Rio de Janeiro, 1 no Maranhão e 1 em Pernambuco). Ou seja, até o presente momento, o tombamento de locais de cultos afro-religiosos e congêneres está circunscrito há poucas matrizes culturais e locais, o que confere as experiências compartilhadas um caráter importante nesse processo de ampliação da representatividade das religiões afro-brasileiras no âmbito da patrimonialização.

(...) se existia uma tradição que via o valor de patrimônio como algo de que uma transmissão diacrônica do passado para o presente, o partilhamento de experiências força uma visão que valoriza não apenas essa transmissão, mas a recepção do transmitido e o tempo da recepção dessa herança. Neste sentido, foge-se do arquétipo de matriz cultural vinda do passado e entende-se o conceito como uma construção presente de valores herdados e transformados pela vivência contemporânea. Isso é fundamental para que, em nosso tempo, a ideia de patrimônio seja, assim, vista como História pública, partilhamento vivencial que se transforma em narrativa de vivências e de experiência, na historicidade apreendida pelos viventes. E elas são narradas como valor e como identidade em vivas transformações, em dinâmicas de mudanças, mesmo que estruturadas por transmissões antepassadas, facilmente percebidas na diacronia (MENESES, 2018, p. 72-73).

Assim, para que o Abrigo possa alcançar o *status* de local a ser preservado pelo Estado, o primeiro passo é fazer com que a comunidade em geral e, principalmente a acadêmica (pois etnografias feitas por pesquisadores renomados auxiliaram no processo de revisão das normas de patrimonialização para os tombamentos dos terreiros de candomblé baiano) e religiosa o considerem um local de importância histórica e antropológica para as religiões afrogaúchas.



## CONCLUSÃO

Este artigo versou sobre as possibilidades de construção de memórias (sociais e históricas) das práticas religiosas e filantrópicas desenvolvidas pelo Espírita Francisco de Assis da década de 1930 ao tempo presente, o mais antigo templo de umbanda de Porto Alegre e, segundo do Rio Grande do Sul. Fundado por Laudelino de Souza Gomes na década de 1936, teve como sucessoras na direção das atividades do templo três mulheres que ao longo do século XX, e chegada do XXI, mantiveram o local sempre em atividade e com um grande acervo material oriundo ainda dos tempos de fundação, bem como uma memória da história desse local.

No período em que o Abrigo era dirigido por Laudelino e logo em seguida a sua morte, a umbanda passara por um período de ascensão e procura por parte da sociedade, tanto que os círculos mediúnicos do local chegaram a contar com mais de 120 pessoas. Já sua sucessora, Irmã Núbia Guedes, ao longo dos anos de 1960 viu o arrefecimento da umbanda no país, e o mesmo ocorreria com sua legatária, a Irmã Gilda Centeno. Atualmente Erotildes Correa segue os passos iniciados por Laudelino na direção do Abrigo, mantendo as diretrizes rituais por ele estabelecidas, enquanto paralelamente se preocupa com a abertura do local para que a sociedade possa conhecer, não somente os trabalhos espirituais ali realizados, mas também o conjunto de bens materiais ali conservados. Atualmente são menos de uma dúzia de médiuns que fazem parte do Abrigo, contudo, conforme relatos das dirigentes, há visitas por parte de outros líderes umbandistas e de religiões mais africanizadas, indicando que a instituição não está fechada em si mesma.

Durante as primeiras décadas, o Abrigo alimentava a população carente e fornecia agasalhos e remédios, além do atendimento espiritual. Eram feitas procissões que percorriam as ruas do centro da capital gaúcha, contando inclusive com a cobertura do jornal *Correio do Povo*, a participação da banda da Brigada Militar e o uso de barco da Marinha no encerramento das atividades (imagens 16 a 19). Essas ações só eram possíveis porque Laudelino tinha condições de arcar com alguns custos, mas também porque havia a participação de médiuns e visitantes que pertenciam a classe média da região (advogados, jornalistas, médicos, etc.). Com a morte do fundador do Abrigo e as mudanças geradas pelo decréscimo de partícipes, o local foi diminuindo suas atividades junto à comunidade carente, e hoje mantém somente os atendimentos espirituais. Dentre os projetos que Erotildes quer colocar em prática está a retomada da distribuição de refeições às pessoas carentes, mas para isso precisa que o Abrigo volte a ter visibilidade junto à comunidade para assim, receber auxílio material para efetivar estas atividades. Outro desejo da nova diretoria é tomar o local e os conjunto material ali preservado, mas sabe que para isso é preciso



passar por todo um processo junto ao IPHAN para obter este *status* para o São Francisco, e para isso precisa da parceria com a academia.



**Imagens 16 a 19** – A procissão contava com a participação da banda da Brigada Militar de Porto Alegre, e tinha como ponto final o Rio Guaíba.  
Fonte: Acervo do Abrigo Espírita Francisco de Assis.

O Abrigo conta com algumas visitas de pesquisadores (antropólogos e historiadores), mas, até o presente momento, não há nenhum projeto no sentido de organizar o acervo e divulgá-lo junto à sociedade. Ao observar o espaço físico que o local dispõe, juntamente com a vontade da direção, um historiador público pode propor fazer reuniões para mediar as relações entre o templo e a comunidade acadêmica, e assim auxiliar na publicização das memórias e histórias, de todo um conjunto de bens materiais e imateriais ali cuidados pelas Guardiãs da memória do Abrigo Espírita Francisco de Assis.



## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Juniele Rabêlo; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (Orgs.). **História Pública: entre as “políticas públicas” e os “públicos da história**. XVII Simpósio Nacional de História, Natal, 2013.

BROWN, Diana. O papel histórico da Classe média na Umbanda. **Religião e Sociedade**. Rio de Janeiro: Editora Campus Ltda., n.1, maio 1977, p. 31 a 42.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Trad. Maria Letícia Pereira. São Paulo: Contexto, 2018.

CORREIA, Deci Gonçalves. **Entrevista**. Porto Alegre, 23 de janeiro de 2019.

CORREIA, Erotildes. **Entrevista**. Porto Alegre, 23 de janeiro de 2019.

ISAIA, Artur Cesar. A sucessão de “Padrinho Laudelino”: memória e identidade dos Franciscanos Espíritas de Umbanda de Porto Alegre. In: FLECK, Eliane Cristina Deckmann; Zanotto, Gizele. (Org.). **Religiões e religiosidades no Rio Grande do Sul: campo religioso sul-riograndense**. 1ed. São Paulo: ANPUH, 2018, v.6, p. 17-44.

LEISTNER, Rodrigo. **Os outsiders do além: um estudo sobre a Quimbanda e outras feitiçarias afro-gaúchas**. Tese de Doutorado em Ciências Sociais, Unisinos/São Leopoldo, 2014.

MATEUS, Sílvia Gonçalves. **Moab Caldas: Perfil político a partir das falas do umbandista no parlamento gaúcho (1959-1966)**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História), Centro de Ciências Humanas da do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2008.

MAUAD, Ana Maria. **Poses e Flagrantes: ensaios sobre história e fotografias**. Niterói: Editora da UFF, 2008.

MENESES, José Newton Coelho. Todo patrimônio é uma forma de história pública? In: MAUAD, Ana Maria; SANTHIAGO, Ricardo; BORGES, Viviane Trindade (Orgs.). **Que história pública queremos**. São Paulo: Letra e Voz, 2018, p. 69-75.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. Trad. Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. O historiador como mediador entre a universidade e as comunidades tradicionais: A experiência de Canárias, no Maranhão. In: MAUAD, Ana Maria; CASTRO, Clarissa Costa Mainardi Miguel de; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo Santhiago. **Perspectivas da História Pública no Brasil: experiências e debates - Anais do 2º Simpósio Internacional de História Pública, UFF 2014**, p. 219-225.

SANTOS, Walkyria Chagas da Silva. Preservação dos Ilês Axés: liberdade religiosa e tombamento de terreiros de candomblé da Bahia. **Anais do III Encontro Internacional de Direitos Culturais**, Fortaleza, 2014.

SOARES, Fagno da Silva. A História Pública no Brasil entre práticas e reflexões: a oficina historiográfica de Ricardo Santhiago entre a história oral e a História Pública. **Revista Observatório**, v.3, n.2, 2017, p. 569-585.